

Sociologia e Sociedade



Objetivos de aprendizagem

- Entender alguns componentes básicos da sociedade e da Sociologia contemporânea.
- Compreender a questão dos direitos humanos no contexto do multiculturalismo e nacionalismo.
- Compreender os conceitos de raça, etnicidade, migração e xenofobia.
- Entender as principais questões relacionadas a gênero e sexualidade.
- Conhecer a Sociologia do corpo.
- Perceber a importância das questões relativas à ecologia, no contexto do desenvolvimento da sociedade moderna, e as consequências à vida desta e das próximas gerações.



Seções de estudo

- Seção 1** Sociedade e Cultura: identidade, padrão cultural e etnocentrismo.
- Seção 2** Direitos humanos, multiculturalismo e nacionalismo.
- Seção 3** Raça, etnicidade, migração e xenofobia.
- Seção 4** Gênero e sexualidade.
- Seção 5** Sociologia do corpo: saúde, doença e envelhecimento.
- Seção 6** A crise ecológica: o crescimento da população; riscos e impactos do desenvolvimento moderno sobre o meio ambiente.



Para início de estudo

Nesta unidade você terá uma visão panorâmica a respeito de questões que envolvem a sociedade e preocupam a Sociologia contemporânea. Na primeira seção, você verá a importância e as implicações da identidade cultural e seus padrões, a problemática do etnocentrismo expresso no domínio da cultura do centro das sociedades mais desenvolvidas tecnologicamente.

Na segunda seção, terá contato com uma discussão envolvendo a questão dos direitos humanos, pretensamente universais e situados num contexto com tendências apontando para uma espécie de multiculturalismo nacionalista globalizado.

Você irá mergulhar em questões ainda mais polêmicas na sociedade e também para a Sociologia na terceira seção. Raça, etnicidade, migração e xenofobia são questões polêmicas, longe de consensos, e que acompanham a evolução das sociedades há muito tempo, mas com mais ênfase na sociedade moderna e contemporânea.

Já na quarta e quinta seções, estarão em foco as principais questões relacionadas a gênero e sexualidade, bem como os principais aspectos relacionados à sociologia do corpo, temas bastante atuais em nossa sociedade contemporânea.

Por fim, na sexta seção, você será convidado a uma reflexão mais aprofundada a respeito da sociedade moderna e aquilo que o ser humano vem produzindo em relação à ecologia, isto é, os riscos e impactos que o chamado desenvolvimento moderno vem produzindo ao ambiente de reprodução da vida. São preocupações que envolvem todas as sociedades de todos os continentes, pois tratam-se de questões globalizadas, sistêmicas, que afetam a todos os ocupantes deste planeta, todas as formas de vida.

Pelo que foi possível perceber, trata-se uma unidade que apresenta riqueza e amplitude de conteúdos. Preparado para ampliar mais ainda seus conhecimentos?

Vamos começar!

SEÇÃO 1 - Sociedade e Cultura: identidade, padrão cultural e etnocentrismo

Nesta seção, veremos parte da diversidade da vida e da cultura humanas, desenvolvidas nos diferentes modos de vida do ser humano. Não há um conceito de cultura que tenha uma aceitação universal. Na linguagem sociológica, cultura é o que é resultado da criação humana.

Um conceito clássico de cultura é o de Tylor (1954 apud CANDAU, 2007) “um todo complexo que abarca conhecimentos, crenças, artes, moral, leis, costumes e outras capacidades adquiridas pelo homem como integrante da sociedade”.

Cultura não é herança biológica, mas capacidades desenvolvidas pelo ser humano por meio do convívio social. Todos os seres humanos possuem cultura. Ela não é exclusiva de pessoas letradas. Tanto a mais simples e isolada sociedade tribal quanto a mais complexa sociedade possuem cultura. Evidentemente, são culturas diferentes. É inaceitável se ouvir dizer de pessoas ou grupos a expressão: “é sem cultura”.

Cada povo, cada sociedade tem sua cultura, tem o seu modo de vida, resultante do convívio que desenvolveu para a adaptação às condições ambientais. Mas a cultura é também resultante da transformação da natureza pelo homem, com o seu trabalho.



Para Giddens (2005, p.38), a cultura “refere-se às formas de vida dos membros ou grupos de uma determinada sociedade; como se vestem, seus costumes matrimoniais e vida familiar, seus padrões de trabalho, cerimônias religiosas e ocupações de lazer”. Ainda pode-se dizer que é um sistema de inter-relações que conecta os indivíduos uns com os outros.

As sociedades são unidas porque os seus membros estão organizados e estabelecem relações sociais, orientadas por uma única cultura. Cultura e sociedade estão tão interligadas que nenhuma existir e sem a outra. Ambas constituem os alicerces essenciais da condição de “seres humanos”.



Figura 12: Índio brasileiro. Cena do filme Tainá.

Fonte: <<http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/taina-2/taina-2-04.jpg>>

Normalmente, quando os sociólogos se referem à cultura, subentendem aqueles aspectos da vida humana que são aprendidos e que tornam possível a cooperação e a comunicação entre os seres humanos, formando um contexto comum, em uma sociedade em que vivem as suas vidas.

O que normalmente é considerado fundamental em todas as culturas são as idéias que definem o que é considerado importante, válido e desejável. São essas idéias abstratas ou valores que dão sentido e direção aos seres humanos, enquanto interagem no mundo social. A monogamia – ser fiel a um único parceiro sexual – é um exemplo de valor que é proeminente na maioria das sociedades ocidentais. (GIDDENS, 2005).

As normas e regras estabelecem comportamentos que refletem ou incorporam os valores de uma cultura. Os valores e as normas trabalham em conjunto para estabelecer a forma como os membros de uma cultura se comportam dentro dos seus limites.

Em culturas que enfatizam a valorização do conhecimento, há normas culturais que encorajam os estudantes a dedicarem grande energia aos estudos. Em uma cultura que dá muito valor à hospitalidade, as normas culturais orientam para a cortesia.



Os valores e as normas variam muito entre as diferentes culturas. Algumas valorizam muito o individualismo, enquanto outras dão ênfase a necessidades em comum.

Um exemplo pode deixar isso mais claro. A maioria dos alunos na Grã-Bretanha se sentiria ultrajada em encontrar outro estudante “colando” em um exame. Lá, copiar do trabalho de outra pessoa vai contra os valores centrais da realização individual, de igualdade de oportunidade, de trabalho duro e de respeito às regras. Estudantes russos ficariam perplexos diante do sentimento dos colegas britânicos. Ajudar um ao outro a passar em um exame reflete o valor que os russos dão à igualdade e à solução coletiva de problemas. Pense a respeito da sua própria reação a esse exemplo. O que isso diz em relação aos valores de sua sociedade? (GIDDENS, 2005).

Os valores culturais podem ser contraditórios, dentro de uma mesma sociedade ou comunidade. Alguns grupos ou indivíduos podem valorizar crenças religiosas tradicionais, enquanto outros podem enfatizar o progresso e a ciência; algumas pessoas preferem conforto material e sucesso, outras podem preferir a simplicidade e a vida tranqüila.

Em nossa época de mudanças, tomada pelo movimento global das pessoas, das idéias, dos bens e da informação, não é surpreendente que encontremos exemplos de valores culturais em conflito.

Os valores culturais e as normas também mudam no decorrer do tempo. Algumas normas que consideramos hoje como naturais em nossas vidas pessoais, como relações sexuais pré-matrimoniais e casais vivendo juntos sem estarem casados, eram valores inaceitáveis há poucas décadas. Os valores que orientam nossos relacionamentos sociais ou íntimos evoluem gradual e naturalmente no decorrer dos anos.

Giddens (2005, p. 39) mostra por meio de alguns exemplos como acontece a mudança da cultura e dos valores. Confira no texto a seguir.

Em janeiro de 2000, uma comissão do governo japonês publicou um relatório que resumiu as principais metas para o Japão no século XXI. Diante da recessão econômica, do crescimento das taxas de criminalidade e do alto desemprego, a comissão foi formada pelo primeiro ministro e recebeu a tarefa de planejar um novo rumo para o país nas décadas seguintes.

As principais descobertas da comissão surpreenderam muitas pessoas: os cidadãos japoneses precisam perder o seu apego a alguns dos seus valores se o país quiser enfrentar as suas atuais mazelas sociais com sucesso. A comissão concluiu que a cultura japonesa dá valor demais à conformidade e à igualdade e apontou a necessidade de ação para reduzir o “grau excessivo de homogeneidade e uniformidade” na sociedade.

Ressaltou algumas facetas básicas da vida japonesa que refletem essa conformidade: quase todos os estudantes japoneses usam uniformes azuis-escuros idênticos que cobrem traços de individualidade, enquanto empregados ficam até tarde no escritório, mesmo que sem necessidade, em função de uma regra tácita sobre sair do trabalho cedo. Esses valores, conclui a comissão, impedem o povo japonês de adotar noções de habilitação individual que seriam essenciais nos anos seguintes.

Normas e valores culturais são profundamente incrustados e é muito cedo para dizer se um mandato governamental terá sucesso em alterar os valores japoneses tradicionais. Entretanto, uma expressão comum japonesa – “prego saliente o martelo ajeita” – sugere que talvez seja preciso algum tempo e esforço antes que os valores culturais japoneses da conformidade e do auto-apagamento sejam enfraquecidos.

Muitos de nossos comportamentos e hábitos do cotidiano são fundados em normas culturais como, movimentos, gestos e expressões são fortemente influenciadas por fatores culturais. Um exemplo disso é a forma como as pessoas sorriem.

Entre os esquimós da Groelândia não há forte tradição do “sorriso público”, comum na Europa e América. Isso não significa que os esquimós sejam frios ou pouco amigáveis, simplesmente não é comum à prática do sorriso ou de troca de brincadeiras. Há a crença de que o sorriso e atitudes polidas dirigidas aos clientes são essenciais às práticas de negócio competitivas. Clientes que são abordados com sorrisos e que recebem um “bom dia” têm mais chance de se tornarem compradores freqüentes.

Com a expansão da indústria de serviços na Groelândia nos últimos anos, hoje, em muitos supermercados, vídeos de treinamento sobre técnicas amigáveis são apresentados e vendedores e outros são mandados ao exterior para cursos de treinamentos.

Não são apenas as crenças culturais que diferem através das culturas. A diversidade das práticas e do comportamento humano é também notável. Formas aceitáveis de comportamentos variam amplamente de cultura para cultura e, com frequência, contrastam drasticamente com o que as pessoas consideram normal.

No Ocidente moderno, consideramos crianças com idade entre 12 ou 13 anos como sendo muito novas para o casamento. Mas em algumas culturas, casamentos são arranjados entre crianças dessa idade como algo natural. No Ocidente, comemos ostras, mas não comemos gatinhos ou cães de estimação, sendo que ambos são considerados especiarias em muitas partes do mundo.

Os judeus não comem carne de porco, enquanto os indianos a comem, mas evitam carne de gado. Os ocidentais consideram beijar como uma parte normal do comportamento sexual e afetivo, mas em muitas outras culturas essa prática é tanto desconhecida como considerada repulsiva. Todos esses diversos traços de comportamento são aspectos de amplas diferenças culturais que distinguem as sociedades umas das outras. (GIDDENS, 2005).

Falando então em subculturas, essas não se referem somente a grupos étnicos ou lingüísticos dentro de uma sociedade maior. Elas dizem respeito a quaisquer segmentos da população que são distinguíveis do resto da sociedade por seus padrões culturais.

As subculturas têm âmbitos muito amplos e podem incluir naturalistas, góticos, *hackers*, *hippies*, *rastafaris*, fãs de *hip-hop* ou torcedores de times de futebol. Algumas pessoas podem se identificar claramente com uma cultura particular, enquanto outras podem se movimentar facilmente entre um número diferente delas. (GIDDENS, 2005).



A cultura tem papel importante em perpetuar os valores e as normas de uma sociedade, mas também oferece oportunidades importantes para a criatividade e a mudança.

Subculturas e contraculturas – grupos que rejeitam em grande medida os valores e as normas predominantes da sociedade – podem promover idéias que mostrem alternativas à cultura dominante. Movimentos sociais ou grupos de pessoas que dividem estilos de vida comuns são forças poderosas de mudança dentro das sociedades. Desse modo, subculturas permitem a liberdade de as pessoas se expressarem e agirem segundo suas opiniões, expectativas e crenças. (GIDDENS, 2005).

Neste contexto, as subculturas, normalmente, pretendem ser entendidas a partir dos parâmetros das culturas dominantes, – fato também compreendido na Sociologia como visão etnocêntrica – o que produz situações desagradáveis.

O **etnocentrismo** é uma visão do mundo em que o nosso próprio grupo é tomado como centro de tudo, e todos os outros são pensados e sentidos a partir dos nossos valores, nossos modelos, nossas definições do que é a existência.

No plano intelectual, pode ser visto como a dificuldade de pensarmos a diferença; no plano afetivo, como sentimentos de estranheza, medo, hostilidade, etc. (ROCHA, 1999).



O etnocentrismo pode ser entendido como uma atitude na qual a visão ou avaliação de um grupo sempre estaria sendo baseada nos valores adotados pelo seu grupo, como referência, como padrão de valor. Trata-se de uma atitude discriminatória e preconceituosa.

Basicamente, encontramos em tal posicionamento um grupo étnico sendo considerado como superior a outro. Um grupo pode ter menor desenvolvimento tecnológico como, por exemplo, os habitantes anteriores aos europeus que residiam nas Américas, na África e na Oceania, se comparado a outro, mas possivelmente, é mais adaptado a determinado ambiente, além de não possuir diversos problemas que esse grupo “superior” possui.

É importante que fique claro o que é hoje consenso entre cientistas sociais, que não existem grupos superiores ou inferiores, mas grupos diferentes.

Neste sentido, Giddens (2005) afirma que o etnocentrismo é a prática de julgar outras culturas comparando-as com a nossa. Uma vez que as culturas humanas variam tanto, não é surpreendente que pessoas vindas de uma outra cultura achem difícil simpatizar com as idéias ou com o comportamento daqueles de uma cultura diferente.

Na verdade, percebe-se pela literatura que há uma tendência do homem nas sociedades de repudiar ou negar tudo que lhe é estranho ou não está de acordo com suas tendências, costumes e hábitos. Pela História, sabemos que na civilização grega o bárbaro era o que “transgredia” toda a lei e costumes da época, é etimologicamente semelhante ao homem selvagem na sociedade ocidental.



Figura 13: Culto afrobrasileiro

Fonte: < <http://orbita.starmedia.com/~hyeros/cultosafrobras014.html> >

Perguntar sobre o que é etnocentrismo segundo Rocha (1999) é indagar sobre um fenômeno no qual se misturam tanto elementos intelectuais e racionais quanto elementos emocionais e afetivos. No etnocentrismo, estes dois planos do espírito humano – sentimento e pensamento – vão juntos compondo um fenômeno não apenas fortemente arraigado na história das sociedades, como também facilmente encontrável no dia-a-dia das nossas vidas.

Assim, a colocação central sobre o etnocentrismo pode ser expressa como a procura de sabermos os mecanismos, as formas, os caminhos e razões, pelos quais tantas e tão profundas distorções se perpetuam nas emoções, pensamentos, imagens e representações que fazemos da vida daqueles que são diferentes de nós. Este problema não é exclusivo de uma determinada época nem de uma única sociedade.

Toda cultura tem seus padrões de comportamento, os quais parecem estranhos às pessoas de outras formas culturais. Aspectos da vida cotidiana que você inconscientemente toma como comuns em sua própria cultura podem não ser parte da vida diária em outras partes do mundo.

Em países que compartilham a mesma língua, hábitos cotidianos, costumes e comportamentos podem ser bem diferentes. A expressão “choque cultural” é realmente apropriada. Frequentemente as pessoas se sentem desorientadas quando ficam imersas em uma nova cultura; isto acontece porque elas perderam pontos de referência familiares que as ajudam a entender o mundo ao seu redor e ainda não aprenderam como navegar em uma nova cultura. (GIDDENS, 2005).

As culturas geralmente são difíceis de serem compreendidas de fora. Temos dificuldades de entender as práticas e as crenças separadamente das culturas mais abrangentes de que fazem parte. Uma cultura tem que ser estudada em termos de seus próprios significados e valores, o que é uma suposição chave da Sociologia.

Como pano de fundo da questão etnocêntrica, Rocha (1999) descreve como acontece a experiência do choque cultural. Confira no exemplo que segue.



Conhecemos o grupo do “eu”, o “nosso” grupo, que come igual, veste igual, gosta de coisas parecidas, conhece problemas do mesmo tipo, acredita nos mesmos deuses da mesma forma, dá à vida significados comuns.

Aí, então, nos deparamos com um “outro”, o grupo do “diferente” que nem sequer faz coisas como as nossas ou quando as faz é de forma tal que não reconhecemos como possíveis. E, mais grave ainda, este “outro” também sobrevive à sua maneira, gosta dela, também está no mundo e, ainda que diferente, também existe.

O grupo do “eu” faz da sua visão a única possível, a melhor, a superior, a certa. O grupo do “outro” fica, nessa lógica, como sendo engraçado, absurdo, anormal ou ininteligível. Este processo resulta num considerável reforço da identidade do “nosso” grupo.

De qualquer forma, a sociedade do “eu” é a melhor, a superior. É representada como o espaço da cultura e da civilização por excelência. Os outros são os selvagens, os bárbaros.

São qualquer coisa menos humanos, pois, estes somos nós.

O etnocentrismo é reforçado pela indústria cultural, que interfere na nossa vida cotidiana, por intermédio da televisão, jornais, revistas, propagandas, cinema, rádio. Nossas atitudes frente a outros grupos sociais com os quais convivemos são, muitas vezes, repletas de atitudes etnocêntricas.

Rotulamos e aplicamos estereótipos por meio dos quais nos guiamos para a vida. As idéias etnocêntricas que temos sobre mulheres loiras, negros, empregados, surfistas, pobres, dondocas, velhos, caretas, gays, lésbicas e todos os demais “outros” são uma espécie de “conhecimento”, um “saber” baseado em formulações ideológicas, que no fundo transforma a diferença pura e simples num juízo de valor perigosamente etnocêntrico.

Mas existem idéias que se contrapõem ao etnocentrismo. Uma das mais importantes é a da **relativização**. Segundo Giddens (2005), quando vemos que as verdades da vida são menos uma questão de essência das coisas e mais uma questão de posição: estamos relativizando. Quando compreendemos o “outro” nos seus próprios valores e não nos nossos, estamos relativizando.

Relativizar, para o mesmo autor, é ver as coisas do mundo como uma relação capaz de ter tido um nascimento, capaz de ter um fim ou uma transformação. Ver as coisas do mundo como a relação entre elas. Ver que a verdade está mais no olhar que naquilo que é olhado.



Relativizar é não transformar a diferença em hierarquia, em superiores e inferiores ou em bem e mal, mas vê-la na sua dimensão de riqueza por ser diferença.

A diferença é ameaçadora porque fere nossa própria identidade cultural. Suspender as próprias crenças culturais profundamente sustentadas e examinar uma situação de acordo com os padrões de outra cultura pode ser repleto de incerteza e desafio.

Algumas questões que refletem essas incertezas podem ser levantadas para reflexão neste final de seção: como aquele mundo de doidos pode funcionar? Como é que eles fazem? Eles só

podem estar errados ou tudo o que eu sei está errado? Não, a vida deles não presta, é selvagem, bárbara, primitiva! O relativismo cultural significa que todos os costumes e comportamentos são igualmente legítimos? Haveria padrões universais aos quais os homens deveriam aderir?



Convidamos você a refletir sobre os questionamentos anteriores.

E para auxiliar nesta reflexão, recomendamos dois filmes que retratam o choque cultural no Brasil: *A Missão* e *Brincando nos campos do Senhor*.

SEÇÃO 2 - Direitos humanos, multiculturalismo e nacionalismo

Você verá, nesta seção, que a questão dos direitos humanos parece ser um dos grandes desafios do momento atual da humanidade. Num mundo onde parece que só uns têm lugar, a dignidade para todos os seres humanos é um caminho longo a ser percorrido, é algo a ser conquistado, é o amanhã.

Para Santos (2004), enquanto forem concebidos como direitos humanos universais, os direitos humanos tenderão a operar como localismo globalizado - uma forma de globalização “de-cima-para-baixo”. Serão sempre um instrumento do choque de civilizações, como arma do Ocidente contra o resto do mundo.

As pequenas sociedades, como as sociedades primitivas de caçadores e coletores, tendem a ser culturalmente uniformes ou monoculturais. Algumas sociedades modernas, como o Japão, têm se mantido bastante monoculturais e são marcadas por altos índices de homogeneidade cultural. A maioria das sociedades industrializadas, contudo, está tornando-se culturalmente mais diversa.

Processos como a escravidão, o colonialismo, a guerra, a migração e a globalização contemporânea têm levado populações a se dispersar através das fronteiras e a se fixar em novas áreas. Isto leva à emergência de sociedades que são compostas culturais, ou seja, cuja população é feita de um número de grupos de diversas formações culturais, étnicas e lingüísticas. Nas cidades modernas, muitas comunidades subculturais vivem lado a lado – indianos ocidentais, paquistaneses, indianos, bangladeshianos, italianos, gregos e chineses podem ser encontrados todos no centro de Londres. (GIDDENS, 2005).

É sabido que os direitos humanos não são universais na sua aplicação.

Atualmente, são consensualmente identificados quatro regimes internacionais de aplicação de direitos humanos: o europeu, o inter-americano, o africano e o asiático. Todas as culturas tendem a considerar os seus valores máximos como os mais abrangentes, mas apenas a cultura ocidental tende a formulá-los como universais.

Por isto mesmo, a questão da universalidade dos direitos humanos é traída, pois a questão da universalidade é uma questão particular, uma questão específica da cultura ocidental.

De acordo com Santos (2004), o conceito de direitos humanos assenta-se num bem conhecido conjunto de pressupostos, todos eles tipicamente **ocidentais**, que são:

- existe uma natureza humana universal que pode ser conhecida racionalmente;
- a natureza humana é essencialmente diferente e superior à restante realidade;
- o indivíduo possui uma dignidade absoluta e irredutível que tem de ser defendida da sociedade ou do Estado;
- a autonomia do indivíduo exige que a sociedade esteja organizada de forma não hierárquica, como soma de indivíduos livres.

uma vez que todos estes pressupostos são claramente ocidentais e facilmente distinguíveis de outras concepções de dignidade humana em outras culturas.

Se observarmos a história dos direitos humanos no período imediatamente após a Segunda Grande Guerra, não é difícil concluir que as políticas de direitos humanos estiveram, em geral, a serviço dos interesses econômicos e políticos dos Estados capitalistas hegemônicos (Estados Unidos e Europa). Um discurso generoso e sedutor sobre os direitos humanos permitiu atrocidades indescritíveis como do Vietnã e Iraque.

Para Giddens (2005), a marca ocidental liberal do discurso dominante dos direitos humanos pode ser facilmente identificada em muitos outros exemplos: na Declaração Universal de 1948, elaborada sem a participação da maioria dos povos do mundo; no reconhecimento exclusivo de direitos individuais; na prioridade concedida aos direitos cívicos e políticos sobre os direitos econômicos, sociais e culturais e no reconhecimento do direito de propriedade como o primeiro e, durante muitos anos, o único direito econômico.

Mas há também um outro lado desta questão. Em todo o mundo, milhões de pessoas e milhares de ONG's têm vindo a lutar pelos direitos humanos, muitas vezes correndo grandes riscos, em defesa de culturas, de classes sociais e grupos oprimidos.



Nesse contexto, a Sociologia considera como de fundamental importância o respeito e a consideração com a diversidade étnica e cultural, para alguns multiculturalismo.

O **multiculturalismo** é considerado como pré-condição de uma relação equilibrada entre a dimensão globalizada e a legitimidade da comunidade local.

Multiculturalismo é comumente entendido como um termo que descreve a existência de muitas culturas numa localidade, cidade ou país, sem que haja um predomínio de uma delas. Geralmente separadas geograficamente e sem vivência integrada, o que muitos chamam de “mosaico cultural”. São muito citados o Canadá e a Austrália como exemplos de multiculturalismo.

Alguns países europeus advogam discretamente a adoção de uma política multiculturalista.

O multiculturalismo implica, também, em reivindicações e conquistas das chamadas minorias: negros, índios, mulheres, homossexuais, entre outras.

A doutrina multiculturalista dá ênfase à idéia de que as culturas minoritárias são discriminadas, sendo vistas como movimentos particulares, mas elas devem merecer reconhecimento público. Para se consolidarem, essas culturas singulares devem ser amparadas e protegidas pela lei.



O multiculturalismo opõe-se ao etnocentrismo.

A política multiculturalista visa resistir à homogeneidade cultural, principalmente quando esta homogeneidade é considerada única e legítima, submetendo outras culturas a particularismos e dependência. Sociedades pluriculturais coexistiram em todas as épocas, e hoje, estima-se que apenas 10 a 15% dos países sejam etnicamente homogêneos.

A diversidade cultural e étnica muitas vezes é vista como uma ameaça para a identidade da nação. Em alguns lugares, o multiculturalismo provoca desprezo e indiferença, como ocorre no Canadá entre habitantes de língua francesa e os de língua inglesa. Mas também pode ser vista como fator de enriquecimento e abertura de novas e diversas possibilidades, o hibridismo e a maleabilidade das culturas são fatores positivos de inovação.

Vemos o acirramento de conflitos culturais e étnicos no planeta colocando a discussão crítica e a preocupação com a questão cultural e étnica como uma das questões-chave do século e para além do Brasil.



E como isto se expressa na escola?

A riqueza cultural e étnica do nosso país parece estar sendo insuficientemente trabalhada no cotidiano das nossas escolas, tendendo ao estereótipo e à disseminação de preconceitos.

Para Trindade (2006), pensar o multiculturalismo pode ser um tema complexo, controverso e de modo geral considerado indefinido – sobretudo quando o relacionamos à educação e, mais especificamente, à escola – coloca-nos alguns desafios:

- a percepção da diversidade humana;
- a desconstrução de verdades tidas como infalíveis e eternas;
- a integração e interação de saberes e culturas;
- a desierarquização das diferenças e visões de mundo;
- um profundo amor e respeito pela Vida.

O universo da educação é um espaço privilegiado para se trabalhar as diferenças culturais, pois ele é marcado pela presença de pessoas que se apresentam com suas singularidades: diferentes tamanhos, etnias, visões de mundo, modos de ser, sentir, agir, sonhar.

Para Trindade (2006), a educação é o espaço da diferença, da diversidade, e também de encontros, embates, conflitos, possibilidades. É um espaço do múltiplo. Por isto, é fundamental discutir a presença da diferença, da diversidade na escola, numa abordagem pluriétnica, multicultural e multidisciplinar, tomando como desafio novas possibilidades mais democráticas de tratar a diferença, o outro no cotidiano das nossas escolas.

É preciso, também, potencializar educadoras e educadores a se aventurarem em experiências criativas promotoras de uma educação não racista, não machista e não elitista. Propiciar momentos de encontro, atualização e, conseqüentemente, construção ou produção coletiva do conhecimento, a favor de uma educação para todos, efetivamente inclusiva, a partir do olhar sobre a nossa diversidade cultural.



Figura 14: Dança típica japonesa

Fonte: <<http://www.sites.bunkyonet.com.br>>

Precisamos promover uma educação para o reconhecimento do “outro”, para o diálogo entre os diferentes grupos sociais e culturais. Uma educação para a negociação cultural, capaz de favorecer a construção de um projeto comum, em que as diferenças sejam dialeticamente integradas e sejam parte desse patrimônio comum.

Esta perspectiva está orientada à construção de uma sociedade democrática, plural, humana, que articule políticas de igualdade com políticas de identidade.

Os direitos humanos e o multiculturalismo, segundo Candau (2007), nos colocam no horizonte da afirmação da dignidade humana em um mundo que parece não ter mais esta convicção como referência radical.



Neste sentido, trata-se de afirmar uma perspectiva alternativa e contra-hegemônica de construção social e política.

Para Candau (2007), o multiculturalismo é um dado da realidade. A sociedade é multicultural. Pode haver várias maneiras de se lidar com esse dado, uma das quais é a **interculturalidade**.

Esta acentua a relação entre os diferentes grupos sociais e culturais. A perspectiva intercultural não é ingênua. É consciente de que nessas relações existem não só diferenças, como também desigualdades, conflitos, assimetrias de poder.

No entanto, parte do pressuposto de que, para se construir uma sociedade pluralista e democrática, o diálogo com o outro, os confrontos entre os diferentes grupos sociais e culturais são fundamentais e nos enriquecem a todos, pessoal e coletivamente, na nossa humanidade, nas nossas identidades, nas nossas maneiras de ver o mundo, a nossa sociedade e a vida em sua totalidade.



A interculturalidade aposta na relação entre grupos sociais e étnicos. Enfrenta a conflitividade inerente a essas relações. Favorece os processos de negociação cultural, a construção de identidades “híbridas”, plurais e dinâmicas, nas diferentes dimensões da vida social.

Para finalizar esta seção e ampliar sua reflexão sobre o assunto, apresentamos um contraponto do multiculturalismo, o monoculturalismo. Segundo Candau (2007), o monoculturalismo, vigente na maioria dos países do mundo e ligado intimamente ao nacionalismo, pretende a assimilação dos imigrantes e da sua cultura nos países de acolhimento e é um contraponto ao Multiculturalismo. É o caso dos Estados Unidos e do Brasil, onde as várias culturas estão misturadas e amalgamadas sem a intervenção do Estado.

Você termina aqui esta seção, que certamente lhe proporcionou conhecimentos abrangentes sobre cultura e as diferenças culturais. Pronto para passar para a próxima?

Seção 3 - Raça, etnicidade, migração e xenofobia

Nesta seção, você vai se deparar com mais alguns conceitos importantes da Sociologia contemporânea. Podemos afirmar de antemão que raça, etnicidade, migração e xenofobia têm uma relação muito estreita, de tal forma que em alguns momentos torna-se difícil separá-los.

3.1 Raça, etnicidade e migração

Raça é um dos termos mais difíceis para o qual estabelecer um conceito, devido à diversidade de sentidos atribuídos a ele na vida cotidiana. Também não há consenso ao se estabelecer as diferentes raças; enquanto alguns autores trabalham com quatro raças, outros trabalham com três.

Para iniciarmos esta discussão, vamos voltar a meados do século XIX, quando Joseph Arthur Gobineau, reconhecido como “pai do racismo moderno”, propôs a existência de três raças: brancos, negros e amarelos.

Ele entendia que a raça branca possuía inteligência, moralidade e força de vontade superiores; os negros seriam os menos capazes, marcados por uma natureza animal, falta de moralidade e instabilidade emocional; os amarelos permaneciam numa situação intermediária.

Esta perspectiva teria influenciado, no século seguinte, Adolf Hitler e o partido nazista na Alemanha, a *Ku-Klux-Klan* (seita religiosa) nos Estados Unidos e os arquitetos do *apartheid* na África do Sul.

Após a Segunda Guerra Mundial, essa “ciência racial” foi totalmente desacreditada.



Em termos biológicos, não existem “raças” com contornos definidos, apenas variações físicas nos seres humanos.

A diversidade genética encontrada nos grupos humanos é tão grande quanto a diversidade entre eles. Em virtude deste fato, a comunidade científica abandonou o conceito de raça. Para muitos, raça não passa de um constructo ideológico discriminatório.

Raça pode ser entendida como um conjunto de relações sociais que permitem situar os indivíduos e os grupos e determinar vários atributos ou competências com base em aspectos biologicamente fundamentados.

As distinções raciais representam mais do que formas de descrever as diferenças humanas são também fatores importantes na representação de padrões de poder e de desigualdade dentro da sociedade.

Enquanto a idéia de raça implica a noção de algo definitivo e biológico, o conceito de etnicidade, segundo Giddens (2005), tem um significado puramente social, refere-se às práticas e às visões culturais de determinada comunidade de pessoas que se distinguem de outras.

Os membros dos grupos étnicos consideram-se culturalmente distintos de outros grupos da sociedade, que se caracterizam especificamente pelas diferenças quanto a língua, história, religião e estilos de roupas ou adornos.



As diferenças étnicas são completamente aprendidas, não há nada de inato, é um fenômeno puramente social, produzido e reproduzido ao longo do tempo.

É através da socialização que os jovens assimilam os estilos de vida, as normas e as crenças de suas comunidades.

Para muitas pessoas, a etnicidade é central para a identidade do indivíduo e do grupo. Ela consegue oferecer uma importante linha de continuidade com o passado, sendo normalmente mantida viva por meio da prática das tradições culturais.

Embora seja mantida dentro da tradição, a etnicidade não é estática nem imutável, mas adaptável às circunstâncias. Um exemplo claro é a tradição do carnaval brasileiro, com estilo próprio, mas com suas raízes africanas.

Os sociólogos evitam o uso do termo “raça”, preferem a etnicidade por se tratar de um conceito de significado eminentemente social. É um atributo que todos os membros de uma população possuem, e não apenas determinados segmentos desta. Mesmo que na prática etnicidade possa estar com maior frequência associada a grupos minoritários dentro de uma população.

A noção de grupos minoritários, geralmente minorias étnicas, é amplamente empregada na Sociologia. Os membros de um grupo minoritário estão em desvantagem se comparados com a população majoritária e possuem um senso de solidariedade de grupo. A experiência de ser objeto de preconceito e discriminação normalmente reforça os sentimentos de lealdade e de interesses em comum.

Estudiosos, como Giddens (2005), preferem utilizar “minoria” para referirem-se a grupos que tenham sofrido preconceitos sociais. Minoria pode significar apenas uma situação de desamparo ou discriminação. Como é o caso das mulheres, que não são numericamente minoria, mas são tratadas como minoria por serem desfavorecidas.



Assim como nas distinções étnicas, as minorias, raramente são neutras, geralmente estão associadas a desigualdades em relação à riqueza e ao poder.

O conceito de raça é moderno, mas o preconceito e a discriminação têm se difundido há muito pela história humana. O preconceito refere-se a opiniões ou atitudes defendidas por membros de um grupo em relação a outro. Uma pessoa preconceituosa baseia-se em

boatos, estereótipos, em características fixas e inflexíveis em vez de evidências diretas e reais.

Se o preconceito define as atitudes e opiniões, a discriminação refere-se ao comportamento concreto em relação a um grupo ou indivíduo. Ela pode ser percebida em atividades que excluem membros de um grupo de oportunidades: um negro é recusado em um emprego que é disponibilizado para uma pessoa branca.

Uma pessoa racista é aquela que acredita que alguns indivíduos são superiores ou inferiores a outros. O racismo é geralmente considerado como os comportamentos ou atitudes manifestados por determinados indivíduos ou grupos.

Muitos defendem a noção de que o racismo é mais do que simplesmente um conjunto de idéias nas quais um pequeno número de indivíduos extremistas acredita, mas, antes de tudo, encontra-se incorporado na própria estrutura e no funcionamento da sociedade. Instituições como a polícia, o serviço de saúde e o sistema educacional promovem políticas que favoreçam certos grupos e discriminam outros.



Por outro lado, muitos países hoje se caracterizam por populações multiétnicas. Algumas situações aconteceram no decorrer de séculos, outras, como resultado de políticas deliberativas de encorajamento à **migração** ou, ainda, por legados coloniais ou imperiais.

Em uma era de globalização e de mudanças sociais rápidas, cresce o número de países a defrontarem-se com os benefícios e desafios complexos da diversidade étnica. A migração internacional está acelerando o ritmo com maior integração da economia global. Parece evidente para os próximos anos uma intensificação do deslocamento e da mistura das populações humanas.

Examinando correntes recentes de migração global, Giddens (2005) indica ser possível identificar 4 tendências que irão caracterizar os padrões migratórios nos próximos anos:

- a) a migração através de fronteiras está acontecendo em números maiores do que já ocorreu anteriormente;
- b) a maioria dos países recebe imigrantes de muitos tipos diferentes;
- c) a migração tornou-se mais global por natureza, envolvendo um número maior de países como emissores e receptores;
- d) um número crescente de migrantes é formado por mulheres, relacionado ao mercado de trabalho global, maior demanda por trabalhadoras domésticas, a expansão do turismo sexual e do tráfico de mulheres.

Entretanto, as tensões e os conflitos étnicos continuam a eclodir nas sociedades de todo o mundo, ameaçando levarem à desintegração alguns países multiétnicos e sugerindo o prolongamento da violência em outros.

Para a integração étnica, Giddens (2005) propõe três modelos:

- a) o primeiro é a assimilação, o que significa que os imigrantes abandonam seus costumes e suas práticas originais, moldando seu comportamento aos valores e às normas da maioria; mudando o idioma, modo de vestir, estilos de vida e visões culturais, como parte da integração a uma nova ordem social;
- b) as tradições dos imigrantes se misturam para formar novos padrões culturais, e a diversidade vai sendo criada à medida que os grupos étnicos se adaptam aos ambientes sociais mais amplos;
- c) no pluralismo cultural, acontece o desenvolvimento de uma sociedade plural, na qual se reconheça igual validade de numerosas subculturas diferentes, com os mesmos direitos que a cultura majoritária. As diferenças étnicas são respeitadas e celebradas como componentes vitais da vida nacional.

3.2 Xenofobia

Você já deve ter ouvido este nome. Sabe o que ele significa?

O próprio nome já diz, fobia é um medo persistente, ou transtorno ligado ao medo de pessoas e objetos estranhos ou estrangeiros. Xenofobia é o medo natural ou aversão que o ser humano normalmente tem ao que é diferente.

Pode ser também um distúrbio psiquiátrico ou medo excessivo e descontrolado do desconhecido ou diferente.



Xenofobia pode ser usada em um sentido amplo referindo-se a qualquer forma de preconceito, racial, grupal ou cultural.

Apesar de amplamente aceito, este significado gera confusões, associando xenofobia a preconceitos, levando a crer que qualquer preconceito é uma fobia. (PERCÍLIA, 2006).

Xenofobia é também associado a aversão a outras raças e culturas, à fobia em relação a pessoas ou grupos diferentes, com os quais o indivíduo que apresenta a fobia habitualmente não entra em contato e evita. Por esta razão, xenofobia tende normalmente a ser visto como a causa de preconceitos.

Para Percília (2006), muitos acreditam que todo preconceito a homossexuais provém de medo irracional, por exemplo. Porém, isto não é totalmente verdade. Xenofobia pode realmente causar aversões que levam a preconceitos raciais ou de grupos. Mas nem todo preconceito provém de fobia. Preconceito pode provir de outras causas. Estereótipos pejorativos de grupos minoritários, por exemplo, podem levar um indivíduo a ter uma idéia errada de outro grupo podendo ultimamente levá-lo ao ódio. Não por medo, mas por desinformação. Vamos citar alguns exemplos para facilitar sua compreensão: que asiático é sujo, que mulçumano é violento, que negro é menos inteligente.

Outra situação pode vir de idéias preconceituosas, em que a causa não é fobia, mas conflitos de crenças. Esta causa é similar à anterior, no entanto, é gerada por conflito de conceitos, não desinformação. Exemplos: um grupo machista odiando homossexuais, religião pregando contra outras religiões ou ideais políticos.

Pessoas xenófobas, com seu medo de pessoas diferentes, cometem crimes, partem para a agressão daquela pessoa que ela julga ser “estranha”, impõe limites à mesma. Tal fobia foi uma das grandes protagonistas para que ocorresse a Segunda Guerra Mundial, pois os alemães queriam varrer da face da terra todos aqueles que eles julgavam não ser arianos, a chamada raça pura, a única digna de estar na terra.

Você pôde ter contato, nesta seção, com alguns conceitos básicos a respeito de raça, etnicidade, migração e xenofobia e perceber que a xenofobia está intimamente ligada ao racismo, ao preconceito, pois está presente onde pessoas se julgam melhores que outras, e que essas outras contaminam o ambiente em que vivem.

A **xenofobia** e o racismo preconceituoso não estão somente em países desenvolvidos, também se encontram em outros países, assim como no Brasil. O grupo xenófobo mais famoso é o neofascista.

Para ampliar a visão a respeito da xenofobia, vale a pena ler o texto de Andrioli, indicado no Saiba Mais desta unidade.

SEÇÃO 4 - Gênero e sexualidade

Iniciaremos esta seção discutindo gênero por meio de duas perguntas:

- O que é ser mulher?
- O que é ser homem?



A primeira resposta que vem a sua mente provavelmente está relacionada a questões meramente biológicas, isto é, talvez você pense simplesmente que o homem é o indivíduo que nasceu menino e mulher é aquela que nasceu menina.

Nesta seção, discutiremos que ser homem ou mulher envolve padrões não apenas biológicos, mas também comportamentos e atitudes “masculinas” e “femininas”. Os sociólogos distinguem o sexo biológico do gênero sociológico. De acordo com Bryn, (2006, p.250):

[...] gênero é composto dos sentimentos, das atitudes e dos comportamentos geralmente associados a homens e mulheres. Sua **identidade de gênero** é sua identificação com um sexo em particular, ou o sentimento de pertencer a esse sexo – tanto do ponto de vista biológico quanto dos pontos de vista psicológico e sociológico. Quando você se comporta de acordo com as expectativas amplamente compartilhadas acerca de como homens e mulheres devem agir, você está adotando um **papel de gênero**.

Nesta unidade, assumiremos que o gênero é uma construção social e não apenas uma parte da natureza ou uma “essência biológica”.

Lembra do que discutimos sobre socialização de gênero na unidade 2? Partiremos do que estudamos lá e aprofundaremos a discussão.



Saiba mais

Vamos voltar ao exemplo dos brinquedos infantis, agora olhando com mais atenção o exemplo de bonecas com corpo de mulher, as chamadas *fashion dolls*.

Confira no Saiba Mais desta unidade o quadro de Bryn (2006), que descreve a relação entre essas bonecas e a representação de gênero.

Após a leitura do texto, volte para esta sequência da unidade.

Os brinquedos são uma parte da socialização de gênero, mas não podem ser considerados os elementos principais. Desde o nascimento, meninos e meninas recebem tratamentos diferenciados de seus pais. Bebês do sexo feminino tendem a ser identificadas como fofinhas, frágeis e bonitas, já os bebês do sexo masculino são considerados ativos e fortes. Um interessante experimento foi feito por dois sociólogos (CONDY E CONDRY, 1976 apud BRYN, 2006, p.257):

Ao assistirem a um vídeo de um bebê de nove meses, identificado pelos pesquisadores como menino antes da exibição, os sujeitos experimentais tendem a qualificar como 'raiva' a reação de surpresa de um bebê frente a um estímulo; caso a criança tenha sido identificada como menina antes da exibição, os sujeitos qualificam a reação do bebê como 'medo', *independente do sexo real da criança*.

É certo que as crianças não são passivas frente à socialização, os papéis são repassados, mas aceitos ou negados por cada um de maneira diferenciada. Assim, considera-se que o gênero não é dado, mas construído.

Em torno dos 14 ou 15 anos a ideologia do gênero está formada, isto é, o conjunto de idéias sobre o que é apropriado em comportamento femininos e masculinos. Nesse período da vida, é comum nos países da Europa e da América do Norte meninas e meninos escolherem os cursos universitários que seguirão. Meninas são mais propensas a pensarem em suas carreiras e nas obrigações domésticas concomitantemente, enquanto os meninos tendem a pensar apenas em suas carreiras.

No Brasil, mesmo com muitas diferenças em seu sistema educacional em relação aos países citados anteriormente, verifica-se uma grande diferenciação no perfil de opção profissional entre os sexos.

Essa diferenciação é facilmente percebida ao compararmos os cursos superiores com maior percentual de matrícula de mulheres e os cursos com maior percentual de homens matriculados. Acompanhe esses dados nas duas tabelas que seguem:

Tabela 1: Cursos superiores com os dez maiores percentuais de matriculados do sexo feminino – Brasil, 2003.

Classe	Total	Feminino	%
Brasil	3.887.771	2.193.763	56,4
Serviço social e orientação	31.986	30.001	93,8
Fonoaudiologia	13.963	12.969	92,9
Nutrição	32.556	30.221	92,8
Secretariado	16.937	15.681	92,6
Ciências domésticas	1.351	1.231	91,1
Serviços de beleza	277	252	91,0
Pedagogia	373.945	339.832	90,9
Psicologia	90.332	76.990	85,2
Enfermagem	92.134	77.997	84,7
Terapia e reabilitação	7.225	6.051	83,8

Fonte: Informativo Inep n.79 – 09/03/2005, apud Bryn, 2006, p.260.

Tabela 2: Cursos superiores com os dez maiores percentuais de matriculados do sexo masculino – Brasil, 2003.

Classe	Total	Masculino	%
Brasil	3.887.771	1.694.008	43,6
Mecânica	9.172	8.445	92,1
Construção e manutenção de veículos a motor	73	67	91,8
Transportes e serviços (cursos gerais)	3.434	3.027	88,1
Eletrônica	9.214	8.121	88,1
Eleticidade e energia	1.798	1.577	87,7
Profissões industriais	3.287	2.856	86,9
Serviço de segurança e proteção de pessoas e propriedades	556	466	83,6
Básicos/programas especiais	1.858	1.553	83,6
Tecnologia química e de processos	1.448	1.167	80,6
Engenharia	234.772	187.426	79,9

Fonte: Informativo Inep n.79 – 09/03/2005, apud Bryn, 2006, p.260.

É muito clara a tendência à formação de guetos sexuais de opções profissionais. A preferência masculina se dá por ciências exatas e a feminina por ciências humanas.

É certo que a construção social do gênero não se limita à escola e à família, crianças, adolescentes e adultos permanentemente negociam seus papéis de gênero à medida que interagem com os meio de comunicação de massa.



Faça o seguinte exercício: Ligue a TV aberta por três horas consecutivas em um determinado canal. Observe criticamente os papéis desempenhados por homens e mulheres.

Registre suas observações no EVA desta disciplina.

Provavelmente, você perceberá o que sociólogos já vêm discutindo há três décadas. A saber, as mulheres são mostradas, principalmente, limpando a casa, fazendo compras, cuidando de crianças e agindo como objeto do desejo masculino.

Já os homens serão vistos desempenhando atividades profissionais e em posições de autoridade. Claro que o telespectador não é passivo a essas mensagens e não as recebe da mesma forma. Como já afirmamos anteriormente, as mensagens são “negociadas”.

Mas é inegável a importância dos meios de comunicação na formação de papéis de gênero. Algumas pessoas chegam mesmo a tentar “desenhar” seus corpos a partir do ideal de beleza criado nos meios de comunicação.

No final do século XX, a imagem corporal tornou-se mais esguia, principalmente para as mulheres. Mas por que a magreza foi enfatizada?

As modelos magérrimas (quase todas com peso abaixo do considerável saudável) replicam em anúncios publicitários e reforçam o desejo, nas meninas e mulheres adolescentes e adultas, de terem um corpo inalcançável para a maior parte da população feminina.



Você sabia?

Que uma pesquisa realizada pela equipe do Hospital das Clínicas da Universidade de São Paulo (Ribeiro e Zorzetto, 2004, apud Bryn, 2006) com 700 universitários da área de saúde em São Paulo, Minas Gerais e Goiás, mostrou que três em cada quatro deles não aprovavam sua aparência física. Sendo que as principais queixas são sobre o excesso de gordura na cintura, celulite, etc.

Além disso, 80% dos entrevistados estavam dispostos a mudar as características do corpo para melhorar a aparência, apesar de 65% dos jovens estarem dentro do peso considerado saudável e 22% sendo classificados como magros. A pesquisa também revelou que 13% dos entrevistados afirmaram provocar vômito, tomar laxantes ou diuréticos depois das refeições para não engordarem.

Parece que o ideal de magreza é um bom negócio para um setor da indústria, o de alimentos *light* e *diet*. De acordo com a Associação Brasileira da Indústria de Alimentos Dietéticos (Abiad) no Brasil, em 1998 os produtos da linha *diet/light* movimentaram cerca de US\$ 1 bilhão. Para 2005 as projeções eram otimistas, cerca de US\$ 7 bilhões. (BRYN, 2006).

Passaremos agora para um assunto relacionado.

Sexualidade humana

O que estudamos até agora nos ajudará na discussão sobre sexualidade. Nós vimos que as influências sociais nos levam a definirmos a partir da aparência e do comportamento o que é masculino ou feminino.

Para a maioria das pessoas, a socialização de gênero exercida pela família, escola e meios de comunicação de massa é coercitiva o suficiente para aderirem a papéis de gênero convencionais. No entanto, há uma minoria de pessoas que resiste aos papéis convencionais de gênero, como nos explica Bryn. (2006, p.263).

Por exemplo, indivíduos **transgêneros** são pessoas que rompem com as normas de gênero sociais ao desafiar as distinções rígidas existentes entre homens e mulheres. Algumas das pessoas transgênero são **transexuais**. Os transexuais **acreditam** que nasceram com o corpo “errado” e se identificam com as pessoas do sexo oposto, desejando viver plenamente como elas. Essas pessoas freqüentemente se engajam em um processo longo e doloroso para mudança de sexo, recorrendo a intervenções cirúrgicas e tratamentos hormonais.”

O Ministério da Saúde define que **homossexuais** são aquelas pessoas que têm orientação sexual e afetiva dirigidas a pessoas do mesmo sexo, já **bissexuais** são pessoas com orientação sexual e afetiva dirigida aos dois sexos.

Em todas as sociedades existem normas sexuais que encorajam as práticas consideradas “corretas” e condenam as consideradas “desviantes”, o que ocorre por meio da socialização. As normas sexuais variam nas diferentes culturas, algumas, por exemplo, encorajam a homossexualidade. Entre os antigos gregos, o amor de homens por meninos era considerado uma forma aceitável de amor.

Como já afirmamos, os tipos de comportamento sexual variam nas diferentes culturas, isto leva os sociólogos a constarem que a maior parte das respostas sexuais são aprendidas e não inatas. Na década de 1950, Cleallan Ford e Frank Bech (1951 apud Giddens, 2005, p. 117) desenvolveram um estudo sobre sexualidade em mais de 2 mil sociedades.

Foram encontradas variações importantes no que é visto como comportamento sexual ‘natural’ e como normas de atração sexual. Em algumas culturas, por exemplo, uma longa atividade sexual preliminar, talvez durando horas, é considerada desejável e mesmo necessária na preparação anterior do intercurso sexual; em outras, tais preliminares são virtualmente inexistentes. Em algumas sociedades, acredita-se que a excessiva freqüência de intercursos sexuais leva a debilidade física ou à doença. Entre o povo Semiang do Pacífico Sul, o ancião da aldeia aconselha como mais desejável que se dê mais espaço aos contatos sexuais – eles também crêm que uma pessoa de cabelo branco pode legitimamente copular todas as noites.

As atitudes ocidentais em relação ao comportamento sexual foram sendo moldadas há aproximadamente 2000 anos pelo cristianismo. A visão predominante do cristianismo era de que o comportamento sexual é suspeito, apropriado apenas para reprodução.

Na atualidade, convivemos com atitudes tradicionais e mais liberais a respeito da sexualidade. Em relação à homossexualidade, por exemplo, Michel Foucault, em seu livro *a História da Sexualidade*, com primeira edição em 1978, nos mostra que antes do século XIX era muito difundida a idéia de uma pessoa homossexual. A designação homossexual foi cunhada em 1860, e desde então os homossexuais são vistos de maneira separada das pessoas. Assim, a homossexualidade passou a fazer parte dos discursos médico e religioso.

Nos últimos anos, assistimos a um enorme progresso em relação às atitudes com os homossexuais. Na maior parte dos países ocidentais, tornam-se mais freqüentes imagens afirmativas dos relacionamentos gays. No entanto, preconceito e discriminação ainda permanecem.



Antes de avançar para a seção seguinte, reflita sobre essas questões polêmicas. Qual sua opinião sobre gênero e sexualidade e suas diversas formas de manifestação?

Registre sua opinião.

SEÇÃO 5 - Sociologia do corpo: saúde, doença e envelhecimento

Já estudamos vários assuntos de nosso cotidiano que são objetos de estudo da Sociologia. Talvez você nunca tenha pensado, mas ela também estuda a forma como o nosso corpo é influenciado pela sociedade, é a chamada Sociologia do Corpo.

É recente o interesse dos sociólogos pela interligação entre a vida social e o nosso corpo, bem como o estudo sobre a relação entre mudança social e as implicações no nosso corpo.

A **sociologia do corpo** é um novo e interessante campo de estudo. Esse mundo que está em constante transformação apresenta novos desafios e riscos que podem afetar nosso corpo, bem como, nos fornecem diferentes possibilidades de vivermos nosso cotidiano e cuidarmos de nossa saúde.

No mundo todo, os sistemas médicos e de saúde vêm apresentando enormes mudanças. A relação entre profissionais de saúde e pacientes, ou interagentes, está se alterando, tanto que tratamentos antes considerados “alternativos” como a acupuntura, por exemplo, hoje são aceitos como tratamentos no sistema único de saúde (SUS).

Nesta seção, discutiremos saúde, corpo e envelhecimento como processos sociais.

Saúde e doença

No decorrer do século XX, presenciamos um significativo aumento na expectativa de vida, sobretudo para a população que vive em países industrializados. No Brasil, esse fenômeno foi significativo, principalmente no final século XX e início do século XXI, como podemos verificar nos dados do IBGE.

Tabela 3: Expectativa de vida dos brasileiros

	1990	1995	2000	2001	2002	2003	2004
Esperança de vida ao nascer	66,57	68,49	70,43	70,71	71,00	71,29	71,59

Fonte: IBGE/DPE/COPIS - Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>> Acesso em: 22 jan, 2007.

Doenças como poliomielite, sarampo e tuberculose foram praticamente erradicadas, ampliando consideravelmente a expectativa de vida da população em geral, diminuindo a taxa de mortalidade.

Tabela 4: Taxa de mortalidade no Brasil

	1990	1995	2000	2001	2002	2003	2004
Taxa de mortalidade (por mil hab.)	6,95	6,55	6,34	6,33	6,33	6,32	6,31

Fonte: IBGE/DPE/COPIS - Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>> Acesso em: 22 jan, 2007.

Outro dado importante é a taxa de mortalidade infantil, que vem diminuindo no mundo todo; no Brasil, em pouco mais de uma década, diminuiu mais de 56% .

Tabela 5: Taxa de mortalidade infantil no Brasil

	1990	1995	2000	2001	2002	2003	2004
Taxa de mortalidade infantil (por mil nascidos vivos)	47,00	37,90	30,10	29,20	28,40	27,50	26,60

Fonte: IBGE/DPE/COPIS - Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>> Acesso em: 22 jan, 2007.

Na maior parte das vezes, atribui-se esse avanço na saúde pública ao poder da medicina moderna. Acredita-se que quanto maior a especialização médica, maior será o sucesso na saúde pública.

Para a Sociologia, essa abordagem é insuficiente, pois não considera os fatores ambientais, sociais e de gênero nos padrões de doença e saúde.

O maior poder de cura da medicina não pode desconsiderar o fato de a saúde e a doença estarem distribuídas de forma desigual, por classe, nação e até mesmo sexo. De acordo com Giddens, 2005, essas *desigualdades na saúde* podem ser relacionadas a padrões socioeconômicos mais amplos.

A desigualdade na saúde é bastante evidente por classes sociais. Em um estudo desenvolvido na Grã-Bretanha, Browne e Bottrill (1999, apud GIDDENS, 2005, p.131), resumiram as principais desigualdades de saúde relacionadas à desigualdade de classe. Confira os resultados desta pesquisa.

- Trabalhadores manuais não-profissionalizados de classes sociais baixas têm duas vezes mais possibilidades de morrer antes da aposentadoria do que trabalhadores de colarinho branco que estão no topo das classes ocupacionais.
- Duas vezes mais bebês nascem mortos ou morrem na primeira semana de vida em famílias não-profissionalizadas do que em famílias profissionalizadas.
- Um indivíduo que nasce na classe social profissional provavelmente vive em média sete anos mais do que alguém nascido na classe social de trabalhadores manuais não-profissionalizados.
- Pessoas de classes trabalhadoras visitam seus médicos com mais frequência, apresentando maior número de sintomas médicos do que pessoas em ocupações profissionais;
- As doenças persistentes são 50% mais frequentes entre trabalhadores manuais do que entre profissionais.
- As desigualdades de saúde relacionadas à classe social são mais pronunciadas entre os que passaram grandes períodos desempregados.
- Pessoas que trabalham tendem a viver mais do que aqueles que estão sem trabalho.

Estudos feitos em outros países chegaram a resultados bastante semelhantes. Ainda que especialistas não tenham chegado a um consenso sobre as razões dessa desigualdade na saúde, está certo que para que os governos desenvolvam políticas públicas na área da saúde, de maneira mais efetiva, precisam considerar que as desigualdades de saúde existem e estão relacionadas a vários fatores.



E tratar de saúde não é somente tratar de doentes, mas também de suas causas, como o desemprego, a habitação precária e subeducação.

Saúde e Gênero

Outro tipo de desigualdade de saúde se refere a homens e mulheres. No geral, mulheres têm maior expectativa de vida em relação aos homens em todos os países.

Mas as mulheres estão propensas a sofrerem de maior incidência de doenças, principalmente na velhice. De acordo com Giddens (2005), em países industrializados, as mulheres apresentam duas vezes mais casos de ansiedade e depressão.

As causas de morte e os padrões de doença mostram algumas diferenças entre homens e mulheres. As doenças cardíacas são as mais freqüentes causas de morte entre homens e mulheres, mas os homens apresentam maiores índices de morte por acidentes e violência, sendo mais propensos a dependência de drogas e álcool. De modo geral, os homens tendem a adoecer com menos freqüência, mas as doenças que afligem os homens tendem a ser mais ameaçadoras à vida. (GIDDENS, 2005, p.133)

Por qual razão há tanta diferenciação entre padrões de saúde feminino e masculino?

As explicações genéticas são as mais freqüentemente apresentadas para dar conta das diferenças nos padrões de saúde entre homens e mulheres.

É certo que fatores biológicos influem na diferença entre padrões de saúde de homens e mulheres, mas repousar as explicações somente em fatores biológicos seria desconsiderar os fatores sociais e as condições de vida diversas.

Para discutirmos essa diferenciação de modo mais amplo, temos que considerar que mulheres estão mais sujeitas à pobreza que os homens, bem como os homens, muitas vezes, têm padrão de vida mais arriscado, o que eleva muito a possibilidade de acidentes de toda ordem.

Outra diferença é que boa parte das mulheres desempenha um número de papéis muito maior que os homens – trabalho doméstico, responsabilidades profissionais, cuidados com as crianças – elevando assim o estresse, a ansiedade e a depressão.

Saúde, doença e medicina

Com muita freqüência se assume que a compreensão sobre saúde e doença está restrita ao médico especialista.

Com um mundo em que as informações estão cada vez mais acessíveis, estamos mais aptos a interpretar as sensações de nosso corpo e fazer escolhas cotidianamente sobre dieta, exercícios físicos, tabagismo, e podemos escolher entre diversas possibilidades de tratamentos.



Devemos consumir alimentos geneticamente modificados, ou não? Essa é uma escolha que passa por nossas opções e estilo de vida.

Também observamos que a escala das doenças está se alterando. Até meados do século XX, a maior parte das doenças que assolavam a população era infecciosa, como a tuberculose, malária, cólera, tifo. Em quase todos os países, essas doenças foram erradicadas.

Atualmente, as causas mais comuns de morte em países industrializados são as doenças crônicas não-infecciosas, tais como o câncer, doenças cardíacas, diabetes e doenças do aparelho circulatório.

Assim, cada vez mais se discute o “estilo de vida” – tabagismo, alimentação, exercícios físicos – como influenciador do desencadeamento dessas doenças crônicas. É certo que estamos vivenciando mudanças na medicina moderna e na atitude das pessoas com relação à doença e à saúde.

O texto de Giddens (2005, p.141) possibilita uma importante reflexão sobre saúde, doença e as formas de tratamentos propostos pela medicina, ao tratar da questão do diagnóstico do Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH), mais conhecido como hiperatividade. Vamos conferir?

A “Medicalização” da Hiperatividade

Na década passada, o número de prescrições escritas para a droga Ritalina cresceu exponencialmente. Nos Estados Unidos, aproximadamente 3% das crianças entre cinco e dezoito anos usam Ritalina. Na Grã-Bretanha, em 1998 foram feitas mais de 125 mil prescrições – acima dos 3,5 mil em 1993. O que é Ritalina e por que ela deve ser uma preocupação para os Sociólogos?

A Ritalina é uma droga prescrita a crianças e adolescentes com transtornos de déficit de atenção/hiperatividade (TDAH) – um transtorno psicológico que, de acordo com muitos físicos e psiquiatras, é responsável pela desatenção nas crianças, dificuldade de concentração e incapacidade para prender na escola. A Ritalina foi descrita como a “pílula mágica”. Ela ajuda as crianças a se concentrarem, acalmando-as e ajudando-as a aprenderem de modo mais eficaz. Crianças problemáticas que antes perturbavam o andamento das tarefas de aula se transformaram em alunos “angelicais”, segundo alguns professores, depois que passaram a tomar Ritalina.

Os críticos da Ritalina, no entanto, argumentam que a droga está longe de ser a inofensiva “pílula mágica” que se quer fazer crer. Embora ela venha sendo prescrita em crescentes quantidades nos Estados Unidos e Reino Unido, nos últimos anos não se realizou nenhuma pesquisa abrangente de quais seriam seus possíveis efeitos a longo prazo no cérebro e no corpo das crianças. Mais preocupante, talvez, seja a afirmação de que a Ritalina se tornou uma “solução” conveniente para o que na verdade não é nem mesmo um problema físico.

SEGUE ►

Os que se opõem ao uso da Ritalina argumentam que os “sintomas” do TDAH são, na verdade, reflexos de pressão e do estresse crescentes que ameaçam as crianças modernas – uma aceleração cada vez maior na vida, o efeito esmagador da tecnologia da informação, a falta de exercícios, as dietas ricas em açúcar e o desgaste da vida familiar. Através do uso da Ritalina, segundo se diz, a profissão médica deve ter êxito em “medicalizar” a hiperatividade e a inatenção infantis, em vez de atentar para as causas sociais dos sintomas observados.

Envelhecimento e saúde

Na atualidade, há um fenômeno que vem chamando a atenção de diversos especialistas, o envelhecimento da população, também chamado de “agrisalhamento”.

De fato, a proporção de pessoas com mais de 65 anos não pára de crescer em todo o mundo (como você já pode verificar nas taxas que demonstram o aumento da expectativa de vida, anteriormente apresentadas nesta unidade).

Em uma sociedade em que as mudanças são constantes, muitas vezes o conhecimento dos mais velhos é visto como ultrapassado e desnecessário.

Por outro lado, vemos que as pessoas mais velhas já não aceitam o envelhecimento como um processo natural e inevitável, lançando mão de diversos recursos, sobretudo da medicina e da nutrição, para retardar os efeitos do envelhecimento. Hoje se atingem idades bem mais avançadas do que há um século atrás.

Mudanças tão significativas na distribuição de idades entre a população trazem novos desafios para a sociedade, um desses desafios é a **proporção de dependência**. Nas palavras de Giddens:

[...] de um lado, a relação entre o número de crianças e indivíduos aposentados, e de outro, as pessoas em idade de trabalho. Na medida em que a população mais velha continua a crescer durante o próximo século, a exigência em serviços sociais e sistemas de saúde crescerá também. O crescimento da expectativa de vida significa que os pensionistas precisarão ser pagos por mais tempo do que eles são atualmente. (GIDDENS, 2005, p.145).

Não podemos relacionar diretamente envelhecimento com doença, mas é certo que o avanço da idade amplia os problemas de saúde.

É bastante recente a tentativa de sociólogos em distinguir efeitos físicos de doenças e de envelhecimento. Os efeitos das perdas sociais e econômicas – como separação da família, aposentadoria – são difíceis de separar dos efeitos físicos do corpo. Classe social e gênero são também fatores importantes a serem considerados no envelhecimento.

Por exemplo, as mulheres tendem a viver mais do que os homens, assim, a maior parte da população de idosos é constituída de mulheres. Normalmente, as mulheres recebem salários menores, o que resulta em aposentadorias menores.

Terceira e quarta idades

Em uma sociedade como a nossa que valoriza a juventude, a vitalidade e a beleza física, as pessoas idosas, por vezes, tornam-se invisíveis. No entanto, recentemente, temos visto algumas mudanças relacionadas às atitudes sobre o envelhecimento.

Mesmo que ainda pareça estar longe a conquista do *status* concedido aos mais velhos em sociedades antigas, eles vêm recebendo maior poder político do que antes. Além disso, em momentos de precarização do trabalho regular, como estamos vivenciando hoje, é cada dia mais comum, sobretudo em classes mais baixas, o número de famílias que se mantêm apenas com o salário dos idosos.



A velhice vem sendo cada vez mais entendida como uma época de grandes oportunidades.

Como os compromissos diários com o cuidado dos filhos e o emprego já passaram, há mais tempo livre para lazer e atividades que antes não podiam ser realizadas, como viagens e cursos diversos.

Durante a terceira idade, os indivíduos são mais livres para desenvolverem suas atividades. Já a quarta idade refere-se aos indivíduos com mais de 85 anos e que, tradicionalmente, eram chamados de muito velhos.

Você avançará agora para a última seção desta unidade e conhecerá sobre um assunto que parece diferir um pouco dos anteriores. No entanto, ao lê-lo você perceberá que quando se discute Sociologia e sociedade, todos os assuntos possuem relações.

Você é capaz de estabelecê-las?

SEÇÃO 6 - A crise ecológica: crescimento da população, riscos e impactos do desenvolvimento moderno sobre o meio ambiente

Nesta seção, vamos conhecer mais uma problemática da sociedade globalizada. As preocupações da humanidade com as questões ecológicas estão cada vez mais presentes na ordem do dia, por remeterem à possibilidade ou não da reprodução da vida ou, pelo menos, até quando isso será possível.

Neste contexto se insere a presença do ser humano interferindo na natureza de modo não sustentável e a questão do desequilíbrio pelo crescimento populacional descontrolado.

6.1 Crescimento da população

A problemática que envolve o crescimento da população está relacionada com o consumo humano e, também, com a utilização dos recursos naturais.

A população mundial levou 10 mil anos para chegar a 1 bilhão de pessoas. No século XIX, dobrou para 2 bilhões. No século XX, esse número triplicou para 6 bilhões. Isto permite entender as

preocupações dos cientistas com relação ao que poderá acontecer no século XXI. Se os padrões recentes se mantiverem, podemos chegar ao final deste século a uma situação insustentável.



O estudo da população chama-se demografia.

A demografia ocupa-se em medir o tamanho das populações e explicar o seu aumento ou diminuição. Para isto, leva em conta, basicamente, nascimentos, mortes e migrações. Normalmente, a demografia é considerada como um ramo da Sociologia ou Antropologia Social.

Os estudos demográficos utilizam-se de métodos estatísticos. Mesmo nos países industrializados, os resultados não são muito precisos, devido à dificuldade de se obter sensos que consigam registrar todas as pessoas que vivem numa determinada sociedade. Os sem teto, os imigrantes ilegais, os moradores temporários ou, ainda, aqueles de difícil acesso, geralmente não estão incluídos nos sensos.

Os índices de crescimento ou de redução populacional são medidos subtraindo-se o número de mortes a cada mil habitantes, num determinado período, do número de nascimentos a cada mil habitantes. Alguns países europeus possuem índices de crescimento negativos, isto é, suas populações estão diminuindo.



A maioria dos países industrializados apresenta índices de crescimento inferiores a 0,5%, enquanto os menos desenvolvidos estão entre 2 e 3%. Um crescimento populacional de 1% fará com que os números sejam duplicados em 70 anos. Se o crescimento estiver em 2%, a população duplicará em 35 anos e, se estiver em 3%, duplicará em 23 anos. (GIDDENS, 2005).

Na maioria dos países menos desenvolvidos, houve a introdução rápida da medicina moderna e dos métodos de higiene, o que causou uma queda brusca na mortalidade. Como as taxas de natalidade continuam altas, isto produziu uma estrutura etária

nos países menos desenvolvidos muito diferente daquela dos países industrializados. Na cidade do México, por exemplo, 45% da população têm menos de 15 anos. Nos países industrializados, menos de 25% pertencem a este grupo. (GIDDENS, 2005).



Projeta-se um crescimento acelerado das cidades nos países em desenvolvimento durante este século, o que produzirá mudanças na economia, no mercado de trabalho, um aumento da criminalidade, dos assentamentos de posseiros empobrecidos, novos riscos na saúde pública, sobrecarga na infra-estrutura de absorção do impacto.

A fome e a falta de alimentos são outra preocupação grave. Relatos da ONU informam que já existem 830 milhões de pessoas no mundo sofrendo com a fome ou subnutrição.

6.2 Riscos e impactos do desenvolvimento moderno sobre o meio ambiente

Há milhares de anos, desde o início da prática da agricultura, os seres humanos deixaram sua marca na natureza. Para plantar é preciso limpar a terra, cortar as árvores e cuidar as ervas daninhas que invadem a lavoura. Mesmo os métodos primitivos podem levar à erosão do solo.

Com a evolução industrial moderna, o ataque humano ao meio ambiente natural passou a ser tão intenso que praticamente não há processo natural (terra, água e ar) que não tenha sofrido interferência do homem.



Com a indústria moderna houve uma demanda muito maior de matéria-prima e fontes energéticas, porém, são recursos limitados e alguns deles certamente se esgotarão caso não haja uma limitação global.

As questões ambientais dizem respeito não apenas ao melhor caminho para enfrentar e controlar os danos ambientais, mas também aos modos de vida dentro das sociedades industrializadas. Como vivemos no nosso cotidiano, como lidamos com o lixo, com o consumo da água, com o consumo de energia.

O processo de desenvolvimento tecnológico é imprevisível, e pode ser que a terra, de fato, venha a produzir recursos suficientes para os processos de industrialização. Por enquanto, esta situação não parece possível.



Figura 15: Paisagem da natureza

Fonte: <www.sxc.hu>

Tem aumentado muito o número de pessoas que se preocupam com o impacto nocivo dos seres humanos sobre o meio ambiente natural, e manifestam-se publicamente através de movimentos, partidos, ONGs. Embora as percepções, as idéias, as filosofias assumam tendências variadas, há uma linha comum, que é a de agir na proteção do meio ambiente do planeta, conservar e proteger as espécies naturais.

Vários relatórios recentes, de órgãos ligados à ONU, apontam em uma mesma direção: os índices de crescimento industrial não são compatíveis com a natureza finita dos recursos terrestres e a capacidade de o planeta suportar o crescimento populacional e absorver a poluição.

Evidentemente, pode haver uma reação dos seres humanos, com o uso dos meios tecnológicos e políticos, aos desafios

ecológicos. Experiências no mercado mostram que, caso haja um esgotamento de um minério, o preço do mesmo tende a subir muito, logo, o consumo do mesmo cairá, e pesquisas buscarão tecnologias ou materiais substitutos alternativos.

Estabelecer limites para o desenvolvimento econômico e tecnológico é uma questão complicada, pois os países menos desenvolvidos têm como meta atingir os níveis dos países desenvolvidos. Foi por isso que surgiu a noção de desenvolvimento sustentável. Significa que o crescimento deve ser conduzido de forma a permitir a reciclagem dos recursos físicos e a manutenção de níveis mínimos de poluição.



Desenvolvimento sustentável se refere ao uso de recursos renováveis para promover o desenvolvimento econômico, a proteção das espécies animais e da biodiversidade e o compromisso com a pureza do ar, da água e da terra.

Desenvolvimento sustentável é aquele que atende às necessidades de hoje, sem comprometer a capacidade das próximas gerações atenderem às suas.

Os críticos consideram a noção de desenvolvimento sustentável muito vaga e omissa em relação às necessidades específicas dos países pobres. Por exemplo: o que você pensa a respeito da comunidade internacional determinar que a floresta amazônica passe a ser patrimônio da humanidade e que o Brasil não pode derrubar mais nenhuma árvore?

O mundo contemporâneo enfrenta diversas ameaças ambientais que são globais. Elas podem ser divididas em duas classes básicas: a poluição e os resíduos lançados no meio ambiente; e o esgotamento dos recursos renováveis.

Em decorrência de um processo de exploração da natureza e de industrialização descontrolado, produziu-se um estado de coisas que forçam o ser humano a se colocar frente a questões globais nunca colocadas antes, como:

- Até quando podemos ter ar em condições para satisfazer a nossa necessidade de respiração?
- Até quando teremos água potável em condições de ser consumida?
- Até quando teremos recursos energéticos e matéria-prima natural para atender às nossas necessidades?
- E o aquecimento global, com as suas conseqüências de aumento dos níveis dos mares, a desertificação, disseminação de doenças, diminuição das colheitas, variação aguda nos padrões climáticos?

A maioria das questões ambientais está intimamente relacionada com o risco, pois são resultados da expansão da ciência e da tecnologia. O aquecimento global refere-se ao aumento gradual da temperatura terrestre, provocado pelo aumento dos níveis de gás carbônico e de outros gases na atmosfera, devido à queima de produtos fósseis como petróleo e carvão.

As conseqüências potenciais podem ser severas e incluem enchentes, disseminação de doenças, condições climáticas extremas e aumento dos níveis dos mares. O aquecimento global, a temperatura média da Terra aumentou 0,6 graus centígrados nos últimos 30 anos, oferece riscos potenciais a toda a espécie humana.

Finalizamos esta unidade ressaltando que os assuntos apresentados são polêmicos e inesgotáveis. Estas são questões abertas e há muito material na internet apresentando idéias, pesquisas, discussões e reportagens a respeito delas. Por isso, sugerimos alguns sites para que você possa ler mais a respeito deles. Verifique os indicados no Saiba mais no final da unidade.



This image shows a single sheet of white paper with horizontal ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are no margins, text, or other markings on the paper.



Para exercitar os conhecimentos apropriados nesta unidade, realize a atividade de auto-avaliação proposta:

1. Como você, enquanto ser humano pertencente a uma sociedade, poderia interferir e fazer a diferença em uma era de riscos globais? Qual a sua contribuição para minimizar os problemas apontados?

[illegible]



Saiba mais

Aprofunde seus conhecimentos sobre esta unidade.

- Saiba mais sobre a seção 4 ao ler o texto de Bryn (2006, p.255-256).

A primeira boneca moderna a apresentar o corpo de uma mulher adulta foi Lilli, baseada em uma personagem de desenho animado alemão. Lançada em 1955, Lilli tornou-se, pouco depois, uma boneca pornográfica para homens. Em 1959, a americana Ruth Hendler criou a boneca Barbie inspirada na primeira Lilli. Naquela época, alguns especialistas da indústria de brinquedos argumentaram que as mães jamais comprariam bonecas com seios para suas filhas. Não poderiam ter se enganado mais! Hoje em dia, estima-se que, num mundo inteiro, sejam vendidas duas bonecas Barbie a cada segundo.

Em 1962, aparecia no mercado brasileiro a primeira boneca com corpo de mulher - a Susi. Fabricada até 1985, ela foi retirada do mercado quando seu fabricante passou a representar a Barbie no Brasil. Em 1996, a boneca voltou à cena. Mais adaptada aos padrões de beleza femininos do Brasil (em comparação com a sua concorrente americana, a Susi tem seios menores, quadris mais largos e cintura mais acentuada), a boneca brasileira passou a ser a *fashion doll* mais vendida no país.

O que as meninas aprendem quando brincam com bonecas como a Barbie e a Susi? A autora de uma página na internet dedicada à Barbie sem dúvida fala por milhões de pessoas quando escreve: "Barbie era mais que uma boneca para mim, ela era um modo de vida, a Mulher Ideal. (...)".

Os sonhos que as *fashions dolls* estimulam têm se tornado cada vez mais amplos. Pode-se escolher entre centenas de estilos de roupas, dezenas de profissões e até mesmo cor da pele. É inegável que, nos últimos anos, os fabricantes de brinquedos têm diversificado os papéis associados às bonecas, mas, a julgar pelos acessórios disponíveis, não resta dúvida de que elas dividem a maior parte do seu tempo entre atividades domésticas, higiene e cuidados com o corpo e beleza, pensando em agradar um marido em potencial.

SEGUE ►

A página da Estrela na Internet resume muito bem esses ideais:

Como toda garota, Susi pensa em ser noiva . Na versão Susi Linda Noiva, ela traduz toda a fantasia das meninas com a tradição do casamento. Seguindo a mesma linha, Susi Sonho de Princesa resgata o ideal da deslumbrante menina pelos salões do castelo em seu lindo vestido rosa.(...) Na linha de acessórios a fashion doll traz ainda (...) e, sua casa. (...) E sua Super Cozinha 'moderna e tecnológica'.(...) Quando quer colocar seu visual e as compras em dia, a fashion doll vai ao seu Shopping e seu Salão de Beleza. O Shopping Center da Susi é o sonho de toda garota [com] lojas de bijuterias e bolsas, cosméticos, roupas (...) tudo que Susi precisa para eu dia-a-dia. Depois de passear e fazer compras ela vai ao seu Salão de Beleza (...) para cuidar de seu cabelo, corpo e pele. (Estrela, 2004)

Uma história comparável, mas o tema agressividade e competitividade, pode ser encontrada na maneira como os brinquedos para meninos ensinam papéis masculinos estereotipados. A grande maioria dos bonecos dirigidos a meninos – os chamados bonecos de ação – enfatiza a força física, a agressividade e, por vezes, a inteligência.

Indicamos também a leitura das seguintes obras e sites:

- ANDRIOLI, Antonio Inácio. O retorno da xenofobia. **Revista Espaço Acadêmico**. Ano II, n.13, 06/2002. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br/013/13andrioli1.htm>> Acesso em: 07 jan. 2007.
- BRYN, Robert [et al]. **Sociologia**: uma bússola para um novo mundo. São Paulo: Thomson Learning, 2006.
- FOUCAULT, Michel. **The history of sexuality**. An Introduction. Nova York: Vintage, 1990. v. 1.
- GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. 4.ed. - Porto Alegre: Artmed, 2005.
- MARCOS (sub-comandante). **La marcha del color de la tierra**. (comunicados, cartas y mensajes del Ejército Zapatista de la Liberación Nacional del 2000 al 2 de abril del 2001). México: Rizoma, 2001.

- PERCÍLIA, Eliene. **O que é xenofobia?** Equipe Brasil Escola.com. Disponível em: <<http://www.brasilestola.com/doencas/xenofobia.htm>> Acesso em: 07 jan. 2007.
- ROCHA, Everardo P. Guimarães. **O que é etnocentrismo.** São Paulo: Brasiliense, 1999. Col. Primeiros Passos.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. **Por uma concepção multicultural de direitos humanos.** Lisboa: Porto, 2004.



Destacamos a seguinte obra:

MÁRQUEZ, Gabriel Garcia. **Memórias de minhas putas tristes.** São Paulo: Record, 2005.

Neste livro, Gabriel Garcia Márquez faz um belo ensaio sobre a vida de um homem depois dos seus noventa anos. É uma obra belíssima que vale a pena ser lida.

Pesquise também os seguintes sites:

- <<http://educar.sc.usp.br/licenciatura/2003/ee/Aquecimento11.html>> Acesso em: 07 jan. 2007.
- <http://www.fiocruz.br/biosseguranca/Bis/infantil/aquecimento_global.htm> Acesso em: 07 jan. 2007.
- <http://veja.abril.com.br/idade/exclusivo/aquecimento_global/index.html> Acesso em: 07 jan. 2007.
- <<http://revistaescola.abril.com.br/edicoes/0179/aberto/aquecimento.shtml>> Acesso em: 07 jan. 2007.
- <<http://www.discoveryportugues.com/tormenta1/feature14.shtml>> Acesso em: 07 jan. 2007.
- <www.ecoambiental.com.br/mleft/aquecglobal.htm> Acesso em: 07 jan. 2007.
- <www.comciencia.br/reportagens/clima/clima11.htm> Acesso em: 07 jan. 2007.